

Na primeira parte – «A diferença cristã» – os textos selecionados tendem a evidenciar a originalidade do religioso evangélico relativamente ao religioso arcaico e sacrificial da generalidade dos sistemas religiosos. Destaca, por outro lado, que «o Evangelho tem uma vocação mundial. Pode tornar-se o tesouro de todo o ser humano, [mesmo] descrente ou membro de uma religião não cristã» (p. 10). E deve ser uma *religião dialogal*. No seu modo de ver, a própria Revelação bíblica não tem o monopólio da Palavra de Deus, já que outras religiões podem ter também as suas experiências de revelação e mesmo de escrituras sagradas. Compreendidas deste modo, o diálogo entre elas tornar-se-ia sem dúvida menos difícil. O texto sobre «o estatuto da verdade na idade do pluralismo religioso» (pp. 31-42) parece-nos, a este respeito, verdadeiramente emblemático e modelar. Muito certo, a nosso ver, quando defende que a verdade das religiões é da ordem da manifestação, que não da representação; verdade-*alêtheia* (do repensar heideggeriano), que não verdade-adequação (da tradição aristotélica). De resto, a clareza na exposição e a atratividade dos temas é uma nota geral na pluralidade dos textos do livro, constituindo, ao menos boa parte deles, algo do que melhor se tem escrito sobre a temática do diálogo interreligioso.

A segunda parte – «O cristianismo e o futuro da religião» – colige textos onde domina a reflexão sobre o destino do cristianismo na era da mundialização e da secularização. Como religião do evangelho, convém que ajude a ultrapassar a velha ideia de um Deus *bem conhecido* e todo poderoso, na direção de um Deus que, pela Encarnação, quis mostrar e pôr em ação a onnipotência do amor, capaz de sofrer até ao extremo porque é amor. E convém, por isso, ultrapassar um cristianismo

como velha religião sacrificial na direção de um cristianismo das Bem-aventuras, promessa e portador de felicidade. Há assim uma cumplicidade secreta entre o Evangelho e os humanismos seculares. O que Geffré designa como *religião do Evangelho* é precisamente este cristianismo, por oposição ao de cariz *sacrificial* da teologia clássica.

JORGE COUTINHO

FAMERÉE, Joseph (dir.), **Vatican II comme style. L'herméneutique théologique du Concile**, coll. « Unam Sanctam – Nouvelle Série », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2012, 312 p., 215 x 145, ISBN 978-2-204-09700-0.

Um Concílio em estilo novo, foi sem dúvida o Vaticano II. Desde a sua convocação por João XXIII, foi pensado e realizado como um concílio pastoral. Diferente da generalidade dos que o precederam na história da Igreja. Sem definições, sem anátemas, sem preocupação daquele outro estilo feito de fórmulas precisas, muito em conformidade com o estilo escolástico da elaboração e ensino da teologia. Em referência a esta, aliás, o Vaticano II marcou também, como se sabe, o fim da neo-escolástica e o regresso às fontes escriturísticas e patrísticas. Os documentos produzidos refletem isso mesmo. São de outro estilo. Eles adotam preferentemente o estilo retórico da palavra persuasiva, que foi também o estilo preferido pela patrística. E refletem o próprio estilo do acontecimento conciliar no decurso das suas quatro grandes sessões (1962-1965). E, no fundo, o próprio estilo do cristianismo, que não é uma cartilha ideológica ou doutrinal, mas ele mesmo uma interpretação,

por mais que caucionada por critérios veritativos de tomar a sério. E que se serve dos recursos literários, muito mais que de recursos teologicamente «científicos», para dizer o que quer dizer.

Um dos perigos que a interpretação e a aplicação desses documentos podem trazer consigo é, por isso mesmo, o de não se ter compreendido suficientemente este novo estilo, e de se assumirem os textos desses documentos como se fossem dogmas, isto é, no dizer de J. Farmeré, de se «separar o enunciado do ato de enunciação, a letra da inspiração» que lhe subjaz.

Na verdade, o Concílio quis fazer um pouco como fazia Jesus: (re)interpretar as Escrituras e a tradição, tendo em conta o «hoje» de Deus. No seu modelo – no seu estilo –, que segue o modelo de Jesus, está por isso contida uma norma fundamental: a sua interpretação, trinta, quarenta, cinquenta anos depois, não pode prescindir da pergunta: «Que diz *hoje* o espírito (o Espírito!) do Concílio à Igreja?».

Este livro oferece à consideração dos leitores, sobretudo dos teólogos e dos pastores, precisamente um conjunto de ensaios, apresentados por vários especialistas no terceiro colóquio do Grupo internacional de pesquisa sobre a hermenêutica do Vaticano II. Estão agrupados em três blocos: um sobre o estilo em ética, com três textos assinados por Guy Jobin, Éric Gaziaux e Walter Lech; um sobre o estilo em eclesiologia, com seis textos da autoria de Dominique Barnérias, Laurent Villemin, Gilles Routihier, J. Fameré, Peter De Mey e Arnaud Join-Lambert; o terceiro bloco versa sobre o estilo em teologia fundamental: François Nault, Olivier Riaudel, Christoph Theobald e Benoît Bourguine.

LUÍS SALGADO

SIEGWALT, Gérard, **Dieu est plus grand que Dieu. Entretiens avec Lise d'Amboise et Fritz Westphal**, coll. « Théologies », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2012, 292 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09799-4.

O género literário entrevista tem sido utilizado com sucesso em numerosos casos. Poderia lembrar aqui o best-seller em que se tornou a entrevista de João Paulo II ao jornalista (bem conhecido pela sua conversão religiosa) André Frossard, *Não tenham medo!* Ou a de Bento XVI a Peter Seewalt, editado em Portugal com o título *O sal da terra (Salz der Erde)*. É deste género o presente livro. Entrevistadores e entrevistado são todos de religião protestante, sendo este professor honorário da faculdade de teologia protestante da universidade de Estrasburgo.

O título, sendo sugestivo e em certa medida pertinente, pode ser enganador. Na verdade, não se trata aqui de uma conversa sobre a transcendência e a misteriosidade de Deus, por mais que essa nota perpassa de algum modo todo o discurso de G. Siegwalt. O livro, porém, oferece aos leitores, a perspectiva da teologia protestante (que, no caso, coincide substancialmente com a católica) sobre uma grande diversidade de temas e problemas que alimentam a inquietação e suscitam a curiosidade de muita gente. Com a vantagem deste género literário da entrevista: assuntos de grande alcance teológico são expostos em linguagem próxima do leitor comum, sem pelo facto perderem em rigor de expressão teológica.

É assim que, respondendo a sucessivas questões postas pelos interlocutores, G. Siegwalt expõe sobre coisas como a teologia da criação, sobre os ídolos da